Estrutura de Dados

Paulo Torrens

paulotorrens@gnu.org

Departamento de Ciência da Computação Centro de Ciências e Tecnológias Universidade do Estado de Santa Catarina

2020/1



- Variáveis dentro de um programa são classificadas pelo seu tipo: inteiros, caracteres, strings...
- Frequentemente em programas há a necessidade de se salvar coleções (do inglês, containers) de dados em uma única variável (e.g., um vetor de inteiros, uma lista de usuários, etc)
- Muitas vezes, essas coleções precisam ser feitas de forma dinâmica dentro de um sistema
 - Não se sabe quantos objetos existirão dentro da coleção em tempo de compilação, ou o número de objetos será alterado durante a execução do programa
 - Precisamos da capacidade de adicionar e remover objetos dessa coleção
 - Em linguagens como C, tais coleções podem ser representados na forma de tipos de dados abstratos



- Variáveis dentro de um programa são classificadas pelo seu tipo: inteiros, caracteres, strings...
- Frequentemente em programas há a necessidade de se salvar coleções (do inglês, containers) de dados em uma única variável (e.g., um vetor de inteiros, uma lista de usuários, etc)
- Muitas vezes, essas coleções precisam ser feitas de forma dinâmica dentro de um sistema
 - Não se sabe quantos objetos existirão dentro da coleção em tempo de compilação, ou o número de objetos será alterado durante a execução do programa
 - Precisamos da capacidade de adicionar e remover objetos dessa coleção
 - Em linguagens como C, tais coleções podem ser representados na forma de tipos de dados abstratos



- Variáveis dentro de um programa são classificadas pelo seu tipo: inteiros, caracteres, strings...
- Frequentemente em programas há a necessidade de se salvar coleções (do inglês, containers) de dados em uma única variável (e.g., um vetor de inteiros, uma lista de usuários, etc)
- Muitas vezes, essas coleções precisam ser feitas de forma dinâmica dentro de um sistema
 - Não se sabe quantos objetos existirão dentro da coleção em tempo de compilação, ou o número de objetos será alterado durante a execução do programa
 - Precisamos da capacidade de adicionar e remover objetos dessa coleção
 - Em linguagens como C, tais coleções podem ser representados na forma de **tipos de dados abstratos**



- Variáveis dentro de um programa são classificadas pelo seu tipo: inteiros, caracteres, strings...
- Frequentemente em programas há a necessidade de se salvar coleções (do inglês, containers) de dados em uma única variável (e.g., um vetor de inteiros, uma lista de usuários, etc)
- Muitas vezes, essas coleções precisam ser feitas de forma dinâmica dentro de um sistema
 - Não se sabe quantos objetos existirão dentro da coleção em tempo de compilação, ou o número de objetos será alterado durante a execução do programa
 - Precisamos da capacidade de adicionar e remover objetos dessa coleção
 - Em linguagens como C, tais coleções podem ser representados na forma de **tipos de dados abstratos**



- Variáveis dentro de um programa são classificadas pelo seu tipo: inteiros, caracteres, strings...
- Frequentemente em programas há a necessidade de se salvar coleções (do inglês, containers) de dados em uma única variável (e.g., um vetor de inteiros, uma lista de usuários, etc)
- Muitas vezes, essas coleções precisam ser feitas de forma dinâmica dentro de um sistema
 - Não se sabe quantos objetos existirão dentro da coleção em tempo de compilação, ou o número de objetos será alterado durante a execução do programa
 - Precisamos da capacidade de adicionar e remover objetos dessa coleção
 - Em linguagens como C, tais coleções podem ser representados na forma de tipos de dados abstratos



- Variáveis dentro de um programa são classificadas pelo seu tipo: inteiros, caracteres, strings...
- Frequentemente em programas há a necessidade de se salvar coleções (do inglês, containers) de dados em uma única variável (e.g., um vetor de inteiros, uma lista de usuários, etc)
- Muitas vezes, essas coleções precisam ser feitas de forma dinâmica dentro de um sistema
 - Não se sabe quantos objetos existirão dentro da coleção em tempo de compilação, ou o número de objetos será alterado durante a execução do programa
 - Precisamos da capacidade de adicionar e remover objetos dessa coleção
 - Em linguagens como C, tais coleções podem ser representados na forma de tipos de dados abstratos



- Dentre as coleções clássica estudadas, podemos citas as filas e as pilhas
- Uma fila representa uma estrutura de dados **FIFO** (do inglês, *first-in, first-out*)
 - Podemos enfileirar um objeto (enqueue), o adicionando no fim da fila
 - E podemos desenfileirar um objeto (dequeue), removendo o item no início da fila
- Uma pilha representa uma estrutura de dados LIFO (do inglês, last-in, first-out)
 - Podemos empilhar um objeto (push), o adicionando no topo da pilha
 - E podemos **desempilhar** um objeto (*pop*), removendo o item do **tipo** da pilha



- Dentre as coleções clássica estudadas, podemos citas as filas e as pilhas
- Uma fila representa uma estrutura de dados **FIFO** (do inglês, *first-in, first-out*)
 - Podemos enfileirar um objeto (enqueue), o adicionando no fim da fila
 - E podemos desenfileirar um objeto (dequeue), removendo o item no início da fila
- Uma pilha representa uma estrutura de dados LIFO (do inglês, last-in, first-out)
 - Podemos empilhar um objeto (push), o adicionando no topo da pilha
 - E podemos **desempilhar** um objeto (*pop*), removendo o item do **tipo** da pilha



2020/1 Estrutura de Dados

- Dentre as coleções clássica estudadas, podemos citas as filas e as pilhas
- Uma fila representa uma estrutura de dados **FIFO** (do inglês, *first-in, first-out*)
 - Podemos enfileirar um objeto (enqueue), o adicionando no fim da fila
 - E podemos desenfileirar um objeto (dequeue), removendo o item no início da fila
- Uma pilha representa uma estrutura de dados LIFO (do inglês, last-in, first-out)
 - Podemos empilhar um objeto (push), o adicionando no topo da pilha
 - E podemos desempilhar um objeto (pop), removendo o item do tipo da pilha



2020/1 Estrutura de Dados

- Dentre as coleções clássica estudadas, podemos citas as filas e as pilhas
- Uma fila representa uma estrutura de dados **FIFO** (do inglês, *first-in, first-out*)
 - Podemos enfileirar um objeto (enqueue), o adicionando no fim da fila
 - E podemos desenfileirar um objeto (dequeue), removendo o item no início da fila
- Uma pilha representa uma estrutura de dados LIFO (do inglês, last-in, first-out)
 - Podemos empilhar um objeto (push), o adicionando no topo da pilha
 - E podemos **desempilhar** um objeto (*pop*), removendo o item do **tipo** da pilha



2020/1 Estrutura de Dados

- Dentre as coleções clássica estudadas, podemos citas as filas e as pilhas
- Uma fila representa uma estrutura de dados **FIFO** (do inglês, *first-in, first-out*)
 - Podemos enfileirar um objeto (enqueue), o adicionando no fim da fila
 - E podemos desenfileirar um objeto (dequeue), removendo o item no início da fila
- Uma pilha representa uma estrutura de dados LIFO (do inglês, last-in, first-out)
 - Podemos empilhar um objeto (push), o adicionando no topo da pilha
 - E podemos **desempilhar** um objeto (*pop*), removendo o item do **tipo** da pilha



2020/1 Estrutura de Dados

- Dentre as coleções clássica estudadas, podemos citas as filas e as pilhas
- Uma fila representa uma estrutura de dados **FIFO** (do inglês, *first-in, first-out*)
 - Podemos enfileirar um objeto (enqueue), o adicionando no fim da fila
 - E podemos desenfileirar um objeto (dequeue), removendo o item no início da fila
- Uma pilha representa uma estrutura de dados LIFO (do inglês, last-in, first-out)
 - Podemos empilhar um objeto (push), o adicionando no topo da pilha
 - E podemos **desempilhar** um objeto (*pop*), removendo o item do **tipo** da pilha



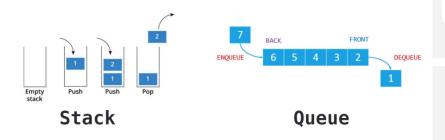
2020/1 Estrutura de Dados

- Dentre as coleções clássica estudadas, podemos citas as filas e as pilhas
- Uma fila representa uma estrutura de dados **FIFO** (do inglês, *first-in, first-out*)
 - Podemos enfileirar um objeto (enqueue), o adicionando no fim da fila
 - E podemos desenfileirar um objeto (dequeue), removendo o item no início da fila
- Uma pilha representa uma estrutura de dados LIFO (do inglês, last-in, first-out)
 - Podemos empilhar um objeto (push), o adicionando no topo da pilha
 - E podemos desempilhar um objeto (pop), removendo o item do tipo da pilha



2020/1 Estrutura de Dados

Data Structure Basics





2020/1 Estrutura de Dados

- Uma das formas de se implementar filas e pilhas é através de listas linkadas
 - Porém, como as estruturas são abstratas, não é a única forma: por exemplo, vetores dinâmicos e listas circulares podem ser utilizados
- A ideia de uma lista linkada é representar os dados como uma corrente através de elos, pequenas estruturas contendo um valor que pertence à coleção
 - Elos salvam uma referência para o próximo elo da corrente
 - Além disso, a estrutura se lembra quem é seu primeiro elo, chamado de cabeca
 - Caso cada elo também se lembre do elo anterior, podemos nos mover em ambas as direcões
 - Nesse caso, a lista também deverá se lembrar de sua cauda, e teremos uma lista duplamente encadeada



- Uma das formas de se implementar filas e pilhas é através de listas linkadas
 - Porém, como as estruturas são abstratas, não é a única forma: por exemplo, vetores dinâmicos e listas circulares podem ser utilizados
- A ideia de uma lista linkada é representar os dados como uma corrente através de elos, pequenas estruturas contendo um valor que pertence à coleção
 - Elos salvam uma referência para o próximo elo da corrente
 - Além disso, a estrutura se lembra quem é seu primeiro elo, chamado de cabeca
 - Caso cada elo também se lembre do elo anterior, podemos nos mover em ambas as direcões
 - Nesse caso, a lista também deverá se lembrar de sua cauda, e teremos uma lista duplamente encadeada



- Uma das formas de se implementar filas e pilhas é através de listas linkadas
 - Porém, como as estruturas são abstratas, não é a única forma: por exemplo, vetores dinâmicos e listas circulares podem ser utilizados
- A ideia de uma lista linkada é representar os dados como uma corrente através de elos, pequenas estruturas contendo um valor que pertence à coleção
 - Elos salvam uma referência para o **próximo** elo da corrente
 - Além disso, a estrutura se lembra quem é seu primeiro elo, chamado de cabeca
 - Caso cada elo também se lembre do elo anterior, podemos nos mover em ambas as direcões
 - Nesse caso, a lista também deverá se lembrar de sua cauda, e teremos uma lista duplamente encadeada



- Uma das formas de se implementar filas e pilhas é através de listas linkadas
 - Porém, como as estruturas são abstratas, não é a única forma: por exemplo, vetores dinâmicos e listas circulares podem ser utilizados
- A ideia de uma lista linkada é representar os dados como uma corrente através de elos, pequenas estruturas contendo um valor que pertence à coleção
 - Elos salvam uma referência para o próximo elo da corrente
 - Além disso, a estrutura se lembra quem é seu primeiro elo, chamado de cabeça
 - Caso cada elo também se lembre do elo anterior, podemos nos moyer em ambas as direcões
 - Nesse caso, a lista também deverá se lembrar de sua cauda, e teremos uma lista duplamente encadeada



- Uma das formas de se implementar filas e pilhas é através de listas linkadas
 - Porém, como as estruturas são abstratas, não é a única forma: por exemplo, vetores dinâmicos e listas circulares podem ser utilizados
- A ideia de uma lista linkada é representar os dados como uma corrente através de elos, pequenas estruturas contendo um valor que pertence à coleção
 - Elos salvam uma referência para o próximo elo da corrente
 - Além disso, a estrutura se lembra quem é seu primeiro elo, chamado de cabeca
 - Caso cada elo também se lembre do elo anterior, podemos nos moyer em ambas as direcões
 - Nesse caso, a lista também deverá se lembrar de sua cauda, e teremos uma lista duplamente encadeada

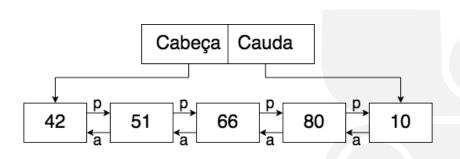


- Uma das formas de se implementar filas e pilhas é através de listas linkadas
 - Porém, como as estruturas são abstratas, não é a única forma: por exemplo, vetores dinâmicos e listas circulares podem ser utilizados
- A ideia de uma lista linkada é representar os dados como uma corrente através de elos, pequenas estruturas contendo um valor que pertence à coleção
 - Elos salvam uma referência para o próximo elo da corrente
 - Além disso, a estrutura se lembra quem é seu primeiro elo, chamado de cabeca
 - Caso cada elo também se lembre do elo anterior, podemos nos mover em ambas as direções
 - Nesse caso, a lista também deverá se lembrar de sua cauda, teremos uma lista duplamente encadeada



- Uma das formas de se implementar filas e pilhas é através de listas linkadas
 - Porém, como as estruturas são abstratas, não é a única forma: por exemplo, vetores dinâmicos e listas circulares podem ser utilizados
- A ideia de uma lista linkada é representar os dados como uma corrente através de elos, pequenas estruturas contendo um valor que pertence à coleção
 - Elos salvam uma referência para o **próximo** elo da corrente
 - Além disso, a estrutura se lembra quem é seu primeiro elo, chamado de cabeca
 - Caso cada elo também se lembre do elo anterior, podemos nos mover em ambas as direções
 - Nesse caso, a lista também deverá se lembrar de sua cauda, e teremos uma lista duplamente encadeada







- Vetores são áreas contínuas de memória, cujo principal objetivo é o acesso randômico: itens podem ser verificados em qualquer posição de forma rápida
- Entretanto, o tamanho de vetores é fixo: não podemos adicionar, arbitrariamente, mais elementos
- Um vetor dinâmico é uma estrutura de dados abstrata definida a fim de se gerenciar um vetor internamente, podendo redimensioná-lo caso necessário
 - Para tal, um vetor dinâmico deve lembrar do endereço do vetor interno, do seu tamanho, e sua capacidade
- Além da vantagem de acesso randômico, é possível para um vetor dinâmico fornecer ao usuário do código o endereço para o armazenamento interno
 - Entretanto, remover itens de um vetor, exceto que na última posição, é muito custoso!



- Vetores são áreas contínuas de memória, cujo principal objetivo é o acesso randômico: itens podem ser verificados em qualquer posição de forma rápida
- Entretanto, o tamanho de vetores é fixo: não podemos adicionar, arbitrariamente, mais elementos
- Um vetor dinâmico é uma estrutura de dados abstrata definida a fim de se gerenciar um vetor internamente, podendo redimensioná-lo caso necessário
 - Para tal, um vetor dinâmico deve lembrar do endereço do vetor interno, do seu tamanho, e sua capacidade
- Além da vantagem de acesso randômico, é possível para um vetor dinâmico fornecer ao usuário do código o endereço para o armazenamento interno
 - Entretanto, remover itens de um vetor, exceto que na última posição, é muito custoso!



- Vetores são áreas contínuas de memória, cujo principal objetivo é o acesso randômico: itens podem ser verificados em qualquer posição de forma rápida
- Entretanto, o tamanho de vetores é fixo: não podemos adicionar, arbitrariamente, mais elementos
- Um vetor dinâmico é uma estrutura de dados abstrata definida a fim de se gerenciar um vetor internamente, podendo redimensioná-lo caso necessário
 - Para tal, um vetor dinâmico deve lembrar do endereço do vetor interno, do seu tamanho, e sua capacidade
- Além da vantagem de acesso randômico, é possível para um vetor dinâmico fornecer ao usuário do código o endereço para o armazenamento interno
 - Entretanto, remover itens de um vetor, exceto que na última posição, é muito custoso!



- Vetores são áreas contínuas de memória, cujo principal objetivo é o acesso randômico: itens podem ser verificados em qualquer posição de forma rápida
- Entretanto, o tamanho de vetores é fixo: não podemos adicionar, arbitrariamente, mais elementos
- Um vetor dinâmico é uma estrutura de dados abstrata definida a fim de se gerenciar um vetor internamente, podendo redimensioná-lo caso necessário
 - Para tal, um vetor dinâmico deve lembrar do endereço do vetor interno, do seu tamanho, e sua capacidade
- Além da vantagem de acesso randômico, é possível para um vetor dinâmico fornecer ao usuário do código o endereço para o armazenamento interno
 - Entretanto, remover itens de um vetor, exceto que na última posição, é muito custoso!



- Vetores são áreas contínuas de memória, cujo principal objetivo é o acesso randômico: itens podem ser verificados em qualquer posição de forma rápida
- Entretanto, o tamanho de vetores é fixo: não podemos adicionar, arbitrariamente, mais elementos
- Um vetor dinâmico é uma estrutura de dados abstrata definida a fim de se gerenciar um vetor internamente, podendo redimensioná-lo caso necessário
 - Para tal, um vetor dinâmico deve lembrar do endereço do vetor interno, do seu tamanho, e sua capacidade
- Além da vantagem de acesso randômico, é possível para um vetor dinâmico fornecer ao usuário do código o endereço para o armazenamento interno
 - Entretanto, remover itens de um vetor, exceto que na última posicão, é muito custoso!



- Vetores são áreas contínuas de memória, cujo principal objetivo é o acesso randômico: itens podem ser verificados em qualquer posição de forma rápida
- Entretanto, o tamanho de vetores é fixo: não podemos adicionar, arbitrariamente, mais elementos
- Um vetor dinâmico é uma estrutura de dados abstrata definida a fim de se gerenciar um vetor internamente, podendo redimensioná-lo caso necessário
 - Para tal, um vetor dinâmico deve lembrar do endereço do vetor interno, do seu tamanho, e sua capacidade
- Além da vantagem de acesso randômico, é possível para um vetor dinâmico fornecer ao usuário do código o endereço para o armazenamento interno
 - Entretanto, **remover itens** de um vetor, exceto que na última posição, é **muito custoso**!



- Também chamados de listas circulares, possuem uma implementação similar à de vetores dinâmicos
- A ideia é que, além de salvar o seu tamanho (quantidade de itens), seja lembrada a posição inicial
- O vetor interno deve ser imaginado como um círculo: após passarmos da posição final, voltamos à inicial
- Graças a isso, podemos salvar itens no começo e no final do buffer, similar a uma lista duplamente linkada
- Caso a posição inicial e final sejam iguais, sabemos que o buffer está vazio



- Também chamados de listas circulares, possuem uma implementação similar à de vetores dinâmicos
- A ideia é que, além de salvar o seu tamanho (quantidade de itens), seja lembrada a **posição inicial**
- O vetor interno deve ser imaginado como um círculo: após passarmos da posição final, voltamos à inicial
- Graças a isso, podemos salvar itens no começo e no final do buffer, similar a uma lista duplamente linkada
- Caso a posição inicial e final sejam iguais, sabemos que o buffer está vazio



- Também chamados de listas circulares, possuem uma implementação similar à de vetores dinâmicos
- A ideia é que, além de salvar o seu tamanho (quantidade de itens), seja lembrada a **posição inicial**
- O vetor interno deve ser imaginado como um círculo: após passarmos da posição final, voltamos à inicial
- Graças a isso, podemos salvar itens no começo e no final do buffer, similar a uma lista duplamente linkada
- Caso a posição inicial e final sejam iguais, sabemos que o buffer está vazio

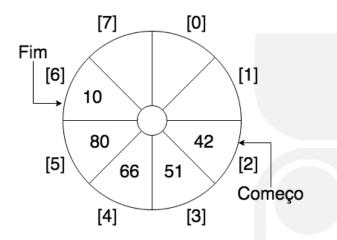


- Também chamados de listas circulares, possuem uma implementação similar à de vetores dinâmicos
- A ideia é que, além de salvar o seu tamanho (quantidade de itens), seja lembrada a **posição inicial**
- O vetor interno deve ser imaginado como um círculo: após passarmos da posição final, voltamos à inicial
- Graças a isso, podemos salvar itens no começo e no final do buffer, similar a uma lista duplamente linkada
- Caso a posição inicial e final sejam iguais, sabemos que o buffer está vazio



- Também chamados de listas circulares, possuem uma implementação similar à de vetores dinâmicos
- A ideia é que, além de salvar o seu tamanho (quantidade de itens), seja lembrada a **posição inicial**
- O vetor interno deve ser imaginado como um círculo: após passarmos da posição final, voltamos à inicial
- Graças a isso, podemos salvar itens no começo e no final do buffer, similar a uma lista duplamente linkada
- Caso a posição inicial e final sejam iguais, sabemos que o buffer está vazio







Algoritmos de ordenação

- Muitas vezes, durante a execução de um programa, temos a necessidade de verificar se um elemento está presente dentro de uma coleção (pilha, fila, vetor, etc)
- O algoritmo "óbvio": percorra todos os elementos da coleção, e, um por um, verifique se ele é o elemento desejado
- Claramente, quanto mais elementos existirem na coleção, mais demorada será a busca ingênua no pior caso
- Caso a coleção esteja ordenada, temos uma alternativa: a busca binária; ao verificar o elemento no meio da coleção, sabemos que tudo à esquerda será menor, e à direita será maior
- Podemos repetir essa busca, sucessivamente diminuindo a quantidade de candidatos pela metade, até encontrarmos o elemento desejado, ou concluirmos que ele não está presente na coleção



2020/1 Estrutura de Dados 10 / 33

- Muitas vezes, durante a execução de um programa, temos a necessidade de verificar se um elemento está presente dentro de uma coleção (pilha, fila, vetor, etc)
- O algoritmo "óbvio": percorra todos os elementos da coleção, e, um por um, verifique se ele é o elemento desejado
- Claramente, quanto mais elementos existirem na coleção, mais demorada será a busca ingênua no pior caso
- Caso a coleção esteja ordenada, temos uma alternativa: a busca binária; ao verificar o elemento no meio da coleção, sabemos que tudo à esquerda será menor, e à direita será maior
- Podemos repetir essa busca, sucessivamente diminuindo a quantidade de candidatos pela metade, até encontrarmos o elemento desejado, ou concluirmos que ele não está presente na coleção



- Muitas vezes, durante a execução de um programa, temos a necessidade de verificar se um elemento está presente dentro de uma coleção (pilha, fila, vetor, etc)
- O algoritmo "óbvio": percorra todos os elementos da coleção, e, um por um, verifique se ele é o elemento desejado
- Claramente, quanto mais elementos existirem na coleção, mais demorada será a busca ingênua no pior caso
- Caso a coleção esteja ordenada, temos uma alternativa: a busca binária; ao verificar o elemento no meio da coleção, sabemos que tudo à esquerda será menor, e à direita será maior
- Podemos repetir essa busca, sucessivamente diminuindo a quantidade de candidatos pela metade, até encontrarmos o elemento desejado, ou concluirmos que ele não está presente na coleção



- Muitas vezes, durante a execução de um programa, temos a necessidade de verificar se um elemento está presente dentro de uma coleção (pilha, fila, vetor, etc)
- O algoritmo "óbvio": percorra todos os elementos da coleção, e, um por um, verifique se ele é o elemento desejado
- Claramente, quanto mais elementos existirem na coleção, mais demorada será a busca ingênua no pior caso
- Caso a coleção esteja ordenada, temos uma alternativa: a busca binária; ao verificar o elemento no meio da coleção, sabemos que tudo à esquerda será menor, e à direita será maior
- Podemos repetir essa busca, sucessivamente diminuindo a quantidade de candidatos pela metade, até encontrarmos o elemento desejado, ou concluirmos que ele não está presente na coleção



- Muitas vezes, durante a execução de um programa, temos a necessidade de verificar se um elemento está presente dentro de uma coleção (pilha, fila, vetor, etc)
- O algoritmo "óbvio": percorra todos os elementos da coleção, e, um por um, verifique se ele é o elemento desejado
- Claramente, quanto mais elementos existirem na coleção, mais demorada será a busca ingênua no pior caso
- Caso a coleção esteja ordenada, temos uma alternativa: a busca binária; ao verificar o elemento no meio da coleção, sabemos que tudo à esquerda será menor, e à direita será maior
- Podemos repetir essa busca, sucessivamente diminuindo a quantidade de candidatos pela metade, até encontrarmos o elemento desejado, ou concluirmos que ele não está presente na coleção



- Diversos algoritmos de ordenação existem, com propriedades como tempo de execução variadas
- Para simplificar a apresentação, vamos assumir que a coleção que queremos ordenar possui acesso randômico (e.g., vetor)
- Exemplo trivial: bubble sort

```
ENTRADA vetor v, tamanho n

ENQUANTO n > 2:

PARA i DE O ATÉ n:

SE v[i] > v[i + 1]:

TROQUE v[i] E v[i + 1]

DIMINUA n
```

 "Borbulhamos" os itens, movendo os maiores para as posições mais à direita, repetindo conforme necessário



- Diversos algoritmos de ordenação existem, com propriedades como tempo de execução variadas
- Para simplificar a apresentação, vamos assumir que a coleção que queremos ordenar possui acesso randômico (e.g., vetor)
- Exemplo trivial: bubble sort

```
ENTRADA vetor v, tamanho n

ENQUANTO n > 2:
    PARA i DE O ATÉ n:
    SE v[i] > v[i + 1]:
        TROQUE v[i] E v[i + 1]
    DIMINUA n
```

 "Borbulhamos" os itens, movendo os maiores para as posições mais à direita, repetindo conforme necessário



- Diversos algoritmos de ordenação existem, com propriedades como tempo de execução variadas
- Para simplificar a apresentação, vamos assumir que a coleção que queremos ordenar possui acesso randômico (e.g., vetor)
- Exemplo trivial: bubble sort

```
ENTRADA vetor v, tamanho n

ENQUANTO n > 2:

PARA i DE O ATÉ n:

SE v[i] > v[i + 1]:

TROQUE v[i] E v[i + 1]

DIMINUA n
```

 "Borbulhamos" os itens, movendo os maiores para as posições mais à direita, repetindo conforme necessário



2020/1 Estrutura de Dados

- Diversos algoritmos de ordenação existem, com propriedades como tempo de execução variadas
- Para simplificar a apresentação, vamos assumir que a coleção que queremos ordenar possui acesso randômico (e.g., vetor)
- Exemplo trivial: bubble sort

```
ENTRADA vetor v, tamanho n

ENQUANTO n > 2:

PARA i DE O ATÉ n:

SE v[i] > v[i + 1]:

TROQUE v[i] E v[i + 1]

DIMINUA n
```

• "Borbulhamos" os itens, movendo os maiores para as posições mais à direita, repetindo conforme necessário



2020/1 Estrutura de Dados

• Algoritmo: selection sort

```
ENTRADA vetor v, tamanho n

PARA i DE O ATÉ n:

min ← i

PARA j DE i + 1 ATÉ n:

SE v[j] < v[min]:

min ← j

SE min ≠ i:

TROQUE v[i] E v[min]
```

• Algoritmo: insertion sort

```
ENTRADA vetor v, tamanho n

PARA i DE 1 ATÉ n:
    j ← i
    ENQUANTO j > 0 E v[j - 1] > v[j]:
    TROQUE v[j] E v[j - 1]
    DIMINUA j
```



• Algoritmo: selection sort

```
ENTRADA vetor v, tamanho n

PARA i DE O ATÉ n:
    min ← i

PARA j DE i + 1 ATÉ n:
    SE v[j] < v[min]:
        min ← j

SE min ≠ i:
    TROQUE v[i] E v[min]
```

• Algoritmo: insertion sort

```
ENTRADA vetor v, tamanho n

PARA i DE 1 ATÉ n:
    j ← i
    ENQUANTO j > 0 E v[j - 1] > v[j]:
    TROQUE v[j] E v[j - 1]
    DIMINUA j
```

- É possível quantificar o custo de um algoritmo em relação ao tamanho de sua entrada, o que chamamos de complexidade
- No caso de algoritmos de ordenação, o tamanho da entrada, n, é exatamente a quantidade de itens em uma coleção
- Além de ser uma valiosa informação do ponto de vista teórico, a complexidade de um algoritmo pode nos ajudar a escolher a melhor alternativa para solucionar um problema
- Podemos avaliar a complexidade de tempo, isto é, quanto tempo a execução do algoritmo leva, e a complexidade de espaço, quanta memória ele usa
- Medimos a complexidade em proporção à entrada, e não por valores absolutos, pois tais iriam depender do compilador, sistema operacional, processador, cache, etc



- É possível quantificar o custo de um algoritmo em relação ao tamanho de sua entrada, o que chamamos de complexidade
- No caso de algoritmos de ordenação, o tamanho da entrada, n, é exatamente a quantidade de itens em uma coleção
- Além de ser uma valiosa informação do ponto de vista teórico, a complexidade de um algoritmo pode nos ajudar a escolher a melhor alternativa para solucionar um problema
- Podemos avaliar a complexidade de tempo, isto é, quanto tempo a execução do algoritmo leva, e a complexidade de espaço, quanta memória ele usa
- Medimos a complexidade em proporção à entrada, e não por valores absolutos, pois tais iriam depender do compilador, sistema operacional, processador, cache, etc



- É possível quantificar o custo de um algoritmo em relação ao tamanho de sua entrada, o que chamamos de complexidade
- No caso de algoritmos de ordenação, o tamanho da entrada, *n*, é exatamente a quantidade de itens em uma coleção
- Além de ser uma valiosa informação do ponto de vista teórico, a complexidade de um algoritmo pode nos ajudar a escolher a melhor alternativa para solucionar um problema
- Podemos avaliar a complexidade de tempo, isto é, quanto tempo a execução do algoritmo leva, e a complexidade de espaço, quanta memória ele usa
- Medimos a complexidade em proporção à entrada, e não por valores absolutos, pois tais iriam depender do compilador, sistema operacional, processador, cache, etc



- É possível quantificar o custo de um algoritmo em relação ao tamanho de sua entrada, o que chamamos de complexidade
- No caso de algoritmos de ordenação, o tamanho da entrada, *n*, é exatamente a quantidade de itens em uma coleção
- Além de ser uma valiosa informação do ponto de vista teórico, a complexidade de um algoritmo pode nos ajudar a escolher a melhor alternativa para solucionar um problema
- Podemos avaliar a complexidade de tempo, isto é, quanto tempo a execução do algoritmo leva, e a complexidade de espaço, quanta memória ele usa
- Medimos a complexidade em proporção à entrada, e não por valores absolutos, pois tais iriam depender do compilador, sistema operacional, processador, cache, etc



2020/1 Estrutura de Dados

- É possível quantificar o custo de um algoritmo em relação ao tamanho de sua entrada, o que chamamos de complexidade
- No caso de algoritmos de ordenação, o tamanho da entrada, n, é exatamente a quantidade de itens em uma coleção
- Além de ser uma valiosa informação do ponto de vista teórico, a complexidade de um algoritmo pode nos ajudar a escolher a melhor alternativa para solucionar um problema
- Podemos avaliar a complexidade de tempo, isto é, quanto tempo a execução do algoritmo leva, e a complexidade de espaço, quanta memória ele usa
- Medimos a complexidade em proporção à entrada, e não por valores absolutos, pois tais iriam depender do compilador, sistema operacional, processador, cache, etc



2020/1 Estrutura de Dados

- Para definirmos um custo, imaginamos a execução do algoritmo em um computador idealizado
- Normalmente, utilizamos a notação big O, que representa o pior caso de execução de um algoritmo
 - O(1): complexidade **constante**, isto é, não depende do tamanho da entrada
 - O(log n): complexidade logarítmica, proporcional a um logaritmo do tamanho da entrada
 - O(n): complexidade linear, diretamente proporcional ao tamanho da entrada
 - O(n²): complexidade quadrática, proporcional ao quadrado do tamanho da entrada
- Utilizamos também o big Ω para representar o melhor caso



- Para definirmos um custo, imaginamos a execução do algoritmo em um computador idealizado
- Normalmente, utilizamos a notação big O, que representa o pior caso de execução de um algoritmo
 - O(1): complexidade constante, isto é, não depende do tamanho da entrada
 - O(log n): complexidade logarítmica, proporcional a um logaritmo do tamanho da entrada
 - O(n): complexidade linear, diretamente proporcional ao tamanho da entrada
 - O(n²): complexidade quadrática, proporcional ao quadrado do tamanho da entrada
- Utilizamos também o big Ω para representar o melhor caso



2020/1 Estrutura de Dados

- Para definirmos um custo, imaginamos a execução do algoritmo em um computador idealizado
- Normalmente, utilizamos a notação big O, que representa o pior caso de execução de um algoritmo
 - O(1): complexidade constante, isto é, não depende do tamanho da entrada
 - O(log n): complexidade logarítmica, proporcional a um logaritmo do tamanho da entrada
 - O(n): complexidade linear, diretamente proporcional ao tamanho da entrada
 - O(n²): complexidade quadrática, proporcional ao quadrado do tamanho da entrada
- Utilizamos também o big Ω para representar o melhor caso



2020/1 Estrutura de Dados

- Para definirmos um custo, imaginamos a execução do algoritmo em um computador idealizado
- Normalmente, utilizamos a notação big O, que representa o pior caso de execução de um algoritmo
 - O(1): complexidade constante, isto é, não depende do tamanho da entrada
 - O(log n): complexidade logarítmica, proporcional a um logaritmo do tamanho da entrada
 - O(n): complexidade linear, diretamente proporcional ao tamanho da entrada
 - O(n²): complexidade quadrática, proporcional ao quadrado do tamanho da entrada
- Utilizamos também o big Ω para representar o melhor caso



2020/1 Estrutura de Dados

- Para definirmos um custo, imaginamos a execução do algoritmo em um computador idealizado
- Normalmente, utilizamos a notação big O, que representa o pior caso de execução de um algoritmo
 - O(1): complexidade constante, isto é, não depende do tamanho da entrada
 - O(log n): complexidade logarítmica, proporcional a um logaritmo do tamanho da entrada
 - O(n): complexidade linear, diretamente proporcional ao tamanho da entrada
 - O(n²): complexidade quadrática, proporcional ao quadrado do tamanho da entrada
- Utilizamos também o big Ω para representar o melhor caso



2020/1 Estrutura de Dados

- Para definirmos um custo, imaginamos a execução do algoritmo em um computador idealizado
- Normalmente, utilizamos a notação big O, que representa o pior caso de execução de um algoritmo
 - O(1): complexidade **constante**, isto é, não depende do tamanho da entrada
 - O(log n): complexidade logarítmica, proporcional a um logaritmo do tamanho da entrada
 - O(n): complexidade linear, diretamente proporcional ao tamanho da entrada
 - O(n²): complexidade quadrática, proporcional ao quadrado do tamanho da entrada
- Utilizamos também o big Ω para representar o melhor caso

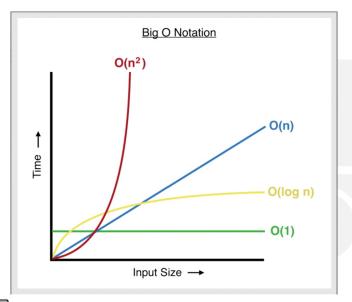


2020/1 Estrutura de Dados

- Para definirmos um custo, imaginamos a execução do algoritmo em um computador idealizado
- Normalmente, utilizamos a notação big O, que representa o pior caso de execução de um algoritmo
 - O(1): complexidade constante, isto é, não depende do tamanho da entrada
 - O(log n): complexidade logarítmica, proporcional a um logaritmo do tamanho da entrada
 - O(n): complexidade linear, diretamente proporcional ao tamanho da entrada
 - O(n²): complexidade quadrática, proporcional ao quadrado do tamanho da entrada
- Utilizamos também o big Ω para representar o melhor caso



2020/1 Estrutura de Dados





2020/1 Estrutura de Dados

- Uma estrutura com propriedades úteis é o chamado monte binário (do inglês, binary heap), que nos permite rapidamente encontrar o maior (ou menor) elemento
- Visualizamos um buffer como uma árvore, com duas propriedades:
 - Propriedade de formato: a estrutura forma uma árvore completa, onde todos os galhos (exceto o último nível) tem a mesma altura, e os maiores galhos sempre estão à esquerda
 - Propriedade de heap: nós na árvore sempre possuem um valor maior (ou menor) que seus filhos e descendentes
- Contamos a posição do vetor na nossa "árvore" de cima pra baixo, da esquerda para a direita
- Dado um buffer com a propriedade de heap, é possível ordená-lo utilizando o algoritmo heapsort



- Uma estrutura com propriedades úteis é o chamado monte binário (do inglês, binary heap), que nos permite rapidamente encontrar o maior (ou menor) elemento
- Visualizamos um *buffer* como uma **árvore**, com duas propriedades:
 - Propriedade de formato: a estrutura forma uma árvore completa, onde todos os galhos (exceto o último nível) tem mesma altura, e os maiores galhos sempre estão à esquerda
 - Propriedade de heap: nós na árvore sempre possuem um valor maior (ou menor) que seus filhos e descendentes
- Contamos a posição do vetor na nossa "árvore" de cima pra baixo, da esquerda para a direita
- Dado um buffer com a propriedade de heap, é possível ordená-lo utilizando o algoritmo heapsort



- Uma estrutura com propriedades úteis é o chamado monte binário (do inglês, binary heap), que nos permite rapidamente encontrar o maior (ou menor) elemento
- Visualizamos um *buffer* como uma **árvore**, com duas propriedades:
 - Propriedade de formato: a estrutura forma uma árvore completa, onde todos os galhos (exceto o último nível) tem a mesma altura, e os maiores galhos sempre estão à esquerda
 - Propriedade de heap: nós na árvore sempre possuem um valor maior (ou menor) que seus filhos e descendentes
- Contamos a posição do vetor na nossa "árvore" de cima pra baixo, da esquerda para a direita
- Dado um buffer com a propriedade de heap, é possível ordená-lo utilizando o algoritmo heapsort



2020/1 Estrutura de Dados

- Uma estrutura com propriedades úteis é o chamado monte binário (do inglês, binary heap), que nos permite rapidamente encontrar o maior (ou menor) elemento
- Visualizamos um *buffer* como uma **árvore**, com duas propriedades:
 - Propriedade de formato: a estrutura forma uma árvore completa, onde todos os galhos (exceto o último nível) tem a mesma altura, e os maiores galhos sempre estão à esquerda
 - Propriedade de heap: nós na árvore sempre possuem um valor maior (ou menor) que seus filhos e descendentes
- Contamos a posição do vetor na nossa "árvore" de cima pra baixo, da esquerda para a direita
- Dado um buffer com a propriedade de heap, é possível ordená-lo utilizando o algoritmo heapsort



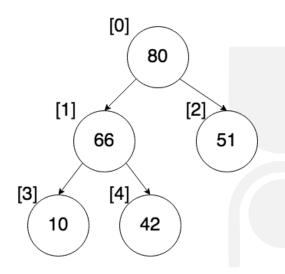
- Uma estrutura com propriedades úteis é o chamado monte binário (do inglês, binary heap), que nos permite rapidamente encontrar o maior (ou menor) elemento
- Visualizamos um *buffer* como uma **árvore**, com duas propriedades:
 - Propriedade de formato: a estrutura forma uma árvore completa, onde todos os galhos (exceto o último nível) tem a mesma altura, e os maiores galhos sempre estão à esquerda
 - Propriedade de heap: nós na árvore sempre possuem um valor maior (ou menor) que seus filhos e descendentes
- Contamos a posição do vetor na nossa "árvore" de cima pra baixo, da esquerda para a direita
- Dado um buffer com a propriedade de heap, é possível ordená-lo utilizando o algoritmo heapsort



- Uma estrutura com propriedades úteis é o chamado monte binário (do inglês, binary heap), que nos permite rapidamente encontrar o maior (ou menor) elemento
- Visualizamos um *buffer* como uma **árvore**, com duas propriedades:
 - Propriedade de formato: a estrutura forma uma árvore completa, onde todos os galhos (exceto o último nível) tem a mesma altura, e os maiores galhos sempre estão à esquerda
 - Propriedade de heap: nós na árvore sempre possuem um valor maior (ou menor) que seus filhos e descendentes
- Contamos a posição do vetor na nossa "árvore" de cima pra baixo, da esquerda para a direita
- Dado um buffer com a propriedade de heap, é possível ordená-lo utilizando o algoritmo heapsort



2020/1 Estrutura de Dados





• Definimos uma função heapify que amontoa uma árvore...

```
ENTRADA vetor v, tamanho n, indice i

m ← i
SE item à esquerda de i for maior que item em m:
    m ← esquerda de i
SE item à direita de i for maior que item em m:
    m ← direita de i
SE m ≠ i:
    TROQUE v[i] E v[m]
    heapify(v, n, m)
```

 E, dado um vetor, é possível transformá-lo em um heap em tempo linear, através da função make-heap...

```
ENTRADA vetor v, tamanho n

PARA i DE n / 2 ATÉ 0:
heapify(v, n, i)
```



• Definimos uma função heapify que amontoa uma árvore...

```
ENTRADA vetor v, tamanho n, indice i

m ← i
SE item à esquerda de i for maior que item em m:
    m ← esquerda de i
SE item à direita de i for maior que item em m:
    m ← direita de i
SE m ≠ i:
    TROQUE v[i] E v[m]
    heapify(v, n, m)
```

• E, dado um vetor, é possível transformá-lo em um *heap* em **tempo linear**, através da função make-heap...

```
ENTRADA vetor v, tamanho n

PARA i DE n / 2 ATÉ 0:
heapify(v, n, i)
```



2020/1 Estrutura de Dados

- Ao visualizarmos um buffer de memória como um monte, podemos facilmente encontrar índices para os nós relacionados na árvore (por exemplo, necessário para heapify)
 - Índice do nó pai do índice i: $\lfloor (i-1)/2 \rfloor$
 - Filho à esquerda de i: i * 2 + 1
 - Filho à direita de i: i * 2 + 2
- Note que a função heapify assume que as sub-árvores (à esquerda e direita) já estejam com propriedade de heap
- Assumimos também nos exemplos anteriores que estamos usando um monte máximo, e, portanto, sabemos que o maior elemento está sempre no índice zero (a raíz)
- Assim, podemos definir o algoritmo **heapsort** em dois passos: transformando um *buffer* em um monte, e sucessivamente movendo o maior elemento da raíz para o fim do *buffer*



- Ao visualizarmos um buffer de memória como um monte, podemos facilmente encontrar índices para os nós relacionados na árvore (por exemplo, necessário para heapify)
 - Índice do nó pai do índice i: $\lfloor (i-1)/2 \rfloor$
 - Filho à esquerda de i: i * 2 + 1
 - Filho à direita de i: i * 2 + 2
- Note que a função heapify assume que as sub-árvores (à esquerda e direita) já estejam com propriedade de heap
- Assumimos também nos exemplos anteriores que estamos usando um monte máximo, e, portanto, sabemos que o maior elemento está sempre no índice zero (a raíz)
- Assim, podemos definir o algoritmo heapsort em dois passos: transformando um buffer em um monte, e sucessivamente movendo o maior elemento da raíz para o fim do buffer



- Ao visualizarmos um buffer de memória como um monte, podemos facilmente encontrar índices para os nós relacionados na árvore (por exemplo, necessário para heapify)
 - Índice do nó pai do índice $i: \lfloor (i-1)/2 \rfloor$
 - Filho à esquerda de i: i * 2 + 1
 - Filho à direita de i: i * 2 + 2
- Note que a função heapify assume que as sub-árvores (à esquerda e direita) já estejam com propriedade de heap
- Assumimos também nos exemplos anteriores que estamos usando um monte máximo, e, portanto, sabemos que o maior elemento está sempre no índice zero (a raíz)
- Assim, podemos definir o algoritmo heapsort em dois passos: transformando um buffer em um monte, e sucessivamente movendo o maior elemento da raíz para o fim do buffer



- Ao visualizarmos um buffer de memória como um monte, podemos facilmente encontrar índices para os nós relacionados na árvore (por exemplo, necessário para heapify)
 - Índice do nó pai do índice $i: \lfloor (i-1)/2 \rfloor$
 - Filho à esquerda de i: i * 2 + 1
 - Filho à direita de i: i * 2 + 2
- Note que a função heapify assume que as sub-árvores (à esquerda e direita) já estejam com propriedade de heap
- Assumimos também nos exemplos anteriores que estamos usando um monte máximo, e, portanto, sabemos que o maior elemento está sempre no índice zero (a raíz)
- Assim, podemos definir o algoritmo heapsort em dois passos: transformando um buffer em um monte, e sucessivamente movendo o maior elemento da raíz para o fim do buffer



- Ao visualizarmos um buffer de memória como um monte, podemos facilmente encontrar índices para os nós relacionados na árvore (por exemplo, necessário para heapify)
 - Índice do nó pai do índice $i: \lfloor (i-1)/2 \rfloor$
 - Filho à esquerda de i: i * 2 + 1
 - Filho à direita de i: i * 2 + 2
- Note que a função heapify assume que as sub-árvores (à esquerda e direita) já estejam com propriedade de heap
- Assumimos também nos exemplos anteriores que estamos usando um monte máximo, e, portanto, sabemos que o maior elemento está sempre no índice zero (a raíz)
- Assim, podemos definir o algoritmo heapsort em dois passos: transformando um buffer em um monte, e sucessivamente movendo o maior elemento da raíz para o fim do buffer



- Ao visualizarmos um buffer de memória como um monte, podemos facilmente encontrar índices para os nós relacionados na árvore (por exemplo, necessário para heapify)
 - Índice do nó pai do índice $i: \lfloor (i-1)/2 \rfloor$
 - Filho à esquerda de i: i * 2 + 1
 - Filho à direita de i: i * 2 + 2
- Note que a função heapify assume que as sub-árvores (à esquerda e direita) já estejam com propriedade de heap
- Assumimos também nos exemplos anteriores que estamos usando um monte máximo, e, portanto, sabemos que o maior elemento está sempre no índice zero (a raíz)
- Assim, podemos definir o algoritmo heapsort em dois passos: transformando um buffer em um monte, e sucessivamente movendo o maior elemento da raíz para o fim do buffer



- Ao visualizarmos um buffer de memória como um monte, podemos facilmente encontrar índices para os nós relacionados na árvore (por exemplo, necessário para heapify)
 - Índice do nó pai do índice $i: \lfloor (i-1)/2 \rfloor$
 - Filho à esquerda de i: i * 2 + 1
 - Filho à direita de i: i * 2 + 2
- Note que a função heapify assume que as sub-árvores (à esquerda e direita) já estejam com propriedade de heap
- Assumimos também nos exemplos anteriores que estamos usando um monte máximo, e, portanto, sabemos que o maior elemento está sempre no índice zero (a raíz)
- Assim, podemos definir o algoritmo heapsort em dois passos: transformando um buffer em um monte, e sucessivamente movendo o maior elemento da raíz para o fim do buffer



2020/1 Estrutura de Dados

- Ao remover o maior item, movemos o item mais abaixo e à direita (o último item do buffer!) para a primeira posição, e corrigimos a propriedade de heap com a função heapify
- A complexidade do algoritmo, então, é O(n log n), estando entre a complexidade linear e a complexidade quadrática



- Ao remover o maior item, movemos o item mais abaixo e à direita (o último item do buffer!) para a primeira posição, e corrigimos a propriedade de heap com a função heapify
- A complexidade do algoritmo, então, é O(n log n), estando entre a complexidade linear e a complexidade quadrática

```
ENTRADA vetor v, tamanho n

make-heap(v, n)
ENQUANTO n > 0:
    max ← v[0]
    remove-max(v, n)
    DIMINUA n
    v[n] ← max
```



Complexidade de algoritmos, continuando...

| Operação | Estrutura | Pilha | Fila | Vetor | Circular |
|----------------------|-----------|-------|------|-------|----------|
| Inserir no começo | | O(1) | | | O(1) |
| Inserir no final | | | O(1) | O(1) | O(1) |
| Inserir em um índice | | O(n) | O(n) | O(n) | O(n) |
| Remover no começo | | O(1) | O(1) | | O(1) |
| Remover no final | | | | O(1) | O(1) |
| Remover em um índi | ce | O(n) | O(n) | O(n) | O(n) |
| Acesso por índice | | O(n) | O(n) | O(1) | O(1) |
| Procurar um element | 0 | O(n) | O(n) | O(n) | O(n) |



2020/1 Estrutura de Dados

Complexidade de algoritmos, continuando...

| Algoritmo | Melhor caso | Pior caso | |
|----------------|--------------------|------------|--|
| Bubblesort | $\Omega(n^2)$ | $O(n^2)$ | |
| Selection sort | $\Omega(n^2)$ | $O(n^2)$ | |
| Insertion sort | $\Omega(n)$ | $O(n^2)$ | |
| Heapsort | $\Omega(n \log n)$ | O(n log n) | |



- Coleções como filas, pilhas, vetores, etc, são usadas para agrupar elementos (valores) isoladamente
- Muitas vezes, precisamos de estruturas associativas, isto é, representam pares entre chaves e valores dentro da estrutura
- Vários tipos de estruturas similares existem, dentre elas as listas associativas, árvores de busca binária, tabelas hash, etc
 - Dentre as operações definidas para essas estruturas estão formas de se encontrar e se atualizar valores associados a chaves específicas
 - As estruturas usadas com mais frequência são otimizadas para busca e acesso, fornecendo formas eficientes de se acessar o valor associado a uma chave
 - Algumas versões especializadas existem; por exemplo, árvores B+ são estruturas usadas para a implementação de sistemas de arquivos e bancos de dados



- Coleções como filas, pilhas, vetores, etc, são usadas para agrupar elementos (valores) isoladamente
- Muitas vezes, precisamos de estruturas associativas, isto é, representam pares entre chaves e valores dentro da estrutura
- Vários tipos de estruturas similares existem, dentre elas as listas associativas, árvores de busca binária, tabelas hash, etc
 - Dentre as operações definidas para essas estruturas estão formas de se encontrar e se atualizar valores associados a chaves específicas
 - As estruturas usadas com mais frequência são otimizadas para busca e acesso, fornecendo formas eficientes de se acessar o valor associado a uma chave
 - Algumas versões especializadas existem; por exemplo, árvores B+ são estruturas usadas para a implementação de sistemas de arquivos e bancos de dados



- Coleções como filas, pilhas, vetores, etc, são usadas para agrupar elementos (valores) isoladamente
- Muitas vezes, precisamos de estruturas associativas, isto é, representam pares entre chaves e valores dentro da estrutura
- Vários tipos de estruturas similares existem, dentre elas as listas associativas, árvores de busca binária, tabelas *hash*, etc
 - Dentre as operações definidas para essas estruturas estão formas de se encontrar e se atualizar valores associados a chaves específicas
 - As estruturas usadas com mais frequência são otimizadas para busca e acesso, fornecendo formas eficientes de se acessar o valor associado a uma chave
 - Algumas versões especializadas existem; por exemplo, árvores B+ são estruturas usadas para a implementação de sistemas de arquivos e bancos de dados



- Coleções como filas, pilhas, vetores, etc, são usadas para agrupar elementos (valores) isoladamente
- Muitas vezes, precisamos de estruturas associativas, isto é, representam pares entre chaves e valores dentro da estrutura
- Vários tipos de estruturas similares existem, dentre elas as listas associativas, árvores de busca binária, tabelas *hash*, etc
 - Dentre as operações definidas para essas estruturas estão formas de se encontrar e se atualizar valores associados a chaves específicas
 - As estruturas usadas com mais frequência são otimizadas para busca e acesso, fornecendo formas eficientes de se acessar o valor associado a uma chave
 - Algumas versões especializadas existem; por exemplo, árvores B+ são estruturas usadas para a implementação de sistemas de arquivos e bancos de dados



2020/1 Estrutura de Dados

- Coleções como filas, pilhas, vetores, etc, são usadas para agrupar elementos (valores) isoladamente
- Muitas vezes, precisamos de estruturas associativas, isto é, representam pares entre chaves e valores dentro da estrutura
- Vários tipos de estruturas similares existem, dentre elas as listas associativas, árvores de busca binária, tabelas *hash*, etc
 - Dentre as operações definidas para essas estruturas estão formas de se encontrar e se atualizar valores associados a chaves específicas
 - As estruturas usadas com mais frequência são otimizadas para busca e acesso, fornecendo formas eficientes de se acessar o valor associado a uma chave
 - Algumas versões especializadas existem; por exemplo, árvores B+ são estruturas usadas para a implementação de sistemas de arquivos e bancos de dados



2020/1 Estrutura de Dados

- Coleções como filas, pilhas, vetores, etc, são usadas para agrupar elementos (valores) isoladamente
- Muitas vezes, precisamos de estruturas associativas, isto é, representam pares entre chaves e valores dentro da estrutura
- Vários tipos de estruturas similares existem, dentre elas as listas associativas, árvores de busca binária, tabelas *hash*, etc
 - Dentre as operações definidas para essas estruturas estão formas de se encontrar e se atualizar valores associados a chaves específicas
 - As estruturas usadas com mais frequência são otimizadas para busca e acesso, fornecendo formas eficientes de se acessar o valor associado a uma chave
 - Algumas versões especializadas existem; por exemplo, árvores B+ são estruturas usadas para a implementação de sistemas de arquivos e bancos de dados



2020/1 Estrutura de Dados

- Listas associativas (do inglês, association lists) são estruturas em forma de lista (tanto simplesmente linkada quanto duplamente linkada), que, além de salvarem um valor, como visto anteriormente, também salvam a chave
- A inserção, remoção e busca de itens numa lista associativa tem complexidade O(n), linear
 - Por exemplo, caso não desejemos ter itens repetidos, ao se inserir um novo item, precisamos primeiro percorrer toda a lista procurando se já existe um item na lista com a chave-desejada
 - Se o item já existir, devemos apenas atualizar o valor
 - Entretanto, no pior caso, o item não existe, porem toda a lista precisou ser percorrida; o item então pode ser inserido no começo da lista (ou no final, visto que precisamos chegar ao último elemento de qualquer forma)
- Embora possua uma implementação simples, esse tipo de estrutura não é eficiente para grandes conjuntos de dados



- Listas associativas (do inglês, association lists) são estruturas em forma de lista (tanto simplesmente linkada quanto duplamente linkada), que, além de salvarem um valor, como visto anteriormente, também salvam a chave
- A inserção, remoção e busca de itens numa lista associativa tem complexidade O(n), linear
 - Por exemplo, caso não desejemos ter itens repetidos, ao se inserir um novo item, precisamos primeiro percorrer toda a lista procurando se já existe um item na lista com a chave desejada
 - Se o item já existir, devemos apenas atualizar o valor
 - Entretanto, no pior caso, o item não existe, porem toda a lista precisou ser percorrida; o item então pode ser inserido no começo da lista (ou no final, visto que precisamos chegar ao último elemento de qualquer forma)
- Embora possua uma implementação simples, esse tipo de estrutura não é eficiente para grandes conjuntos de dados



- Listas associativas (do inglês, association lists) são estruturas em forma de lista (tanto simplesmente linkada quanto duplamente linkada), que, além de salvarem um valor, como visto anteriormente, também salvam a chave
- A inserção, remoção e busca de itens numa lista associativa tem complexidade O(n), linear
 - Por exemplo, caso não desejemos ter itens repetidos, ao se inserir um novo item, precisamos primeiro percorrer toda a lista procurando se já existe um item na lista com a chave desejada
 - Se o item já existir, devemos apenas atualizar o valor
 - Entretanto, no pior caso, o item não existe, porem toda a lista precisou ser percorrida; o item então pode ser inserido no começo da lista (ou no final, visto que precisamos chegar ao último elemento de qualquer forma)
- Embora possua uma implementação simples, esse tipo de estrutura não é eficiente para grandes conjuntos de dados



- Listas associativas (do inglês, association lists) são estruturas em forma de lista (tanto simplesmente linkada quanto duplamente linkada), que, além de salvarem um valor, como visto anteriormente, também salvam a chave
- A inserção, remoção e busca de itens numa lista associativa tem complexidade O(n), linear
 - Por exemplo, caso não desejemos ter itens repetidos, ao se inserir um novo item, precisamos primeiro percorrer toda a lista procurando se já existe um item na lista com a chave desejada
 - Se o item já existir, devemos apenas atualizar o valor
 - Entretanto, no pior caso, o item não existe, porem toda a lista precisou ser percorrida; o item então pode ser inserido no começo da lista (ou no final, visto que precisamos chegar ao último elemento de qualquer forma)
- Embora possua uma implementação simples, esse tipo de estrutura não é eficiente para grandes conjuntos de dados



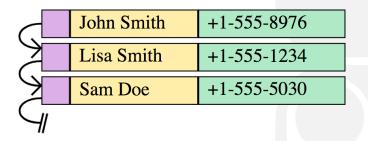
- Listas associativas (do inglês, association lists) são estruturas em forma de lista (tanto simplesmente linkada quanto duplamente linkada), que, além de salvarem um valor, como visto anteriormente, também salvam a chave
- A inserção, remoção e busca de itens numa lista associativa tem complexidade O(n), linear
 - Por exemplo, caso não desejemos ter itens repetidos, ao se inserir um novo item, precisamos primeiro percorrer toda a lista procurando se já existe um item na lista com a chave desejada
 - Se o item já existir, devemos apenas atualizar o valor
 - Entretanto, no pior caso, o item não existe, porém toda a lista precisou ser percorrida; o item então pode ser inserido no começo da lista (ou no final, visto que precisamos chegar ao último elemento de qualquer forma)
- Embora possua uma implementação simples, esse tipo de estrutura não é eficiente para grandes conjuntos de dados



- Listas associativas (do inglês, association lists) são estruturas em forma de lista (tanto simplesmente linkada quanto duplamente linkada), que, além de salvarem um valor, como visto anteriormente, também salvam a chave
- A inserção, remoção e busca de itens numa lista associativa tem complexidade O(n), linear
 - Por exemplo, caso não desejemos ter itens repetidos, ao se inserir um novo item, precisamos primeiro percorrer toda a lista procurando se já existe um item na lista com a chave desejada
 - Se o item já existir, devemos apenas atualizar o valor
 - Entretanto, no pior caso, o item não existe, porém toda a lista precisou ser percorrida; o item então pode ser inserido no começo da lista (ou no final, visto que precisamos chegar ao último elemento de qualquer forma)
- Embora possua uma implementação simples, esse tipo de estrutura não é eficiente para grandes conjuntos de dados



Cada item da lista salva uma chave, um valor (que está associado a essa chave), e uma referência para o próximo item, e, caso a lista seja duplamente linkada, uma referência para o item anterior





2020/1 Estrutura de Dados

- Árvores de busca binária (binary search trees), ou apenas árvores, apresentam uma forma hierárquica de armazenar os dados, respeitando algumas invariantes
- A raíz de uma árvore é representada por um nó, onde cada nó salva um valor, e potencialmente aponta para dois outros nós (à sua esquerda e à sua direita)
 - Caso o nó à esquerda exista, sua chave será menor que a chave do nó pai
 - Respectivamente, caso o nó à direita exista, sua chave será maior que a chave do nó pai
 - Idealmente, podemos fazer na árvore um procedimento similar ao da busca binária: se a chave que desejamos encontrar for menor que a chave de um nó, continuamos buscando apenas na sua esquerda (e, se for maior, na sua direita)
 - Ao inserir um item novo, respeitamos essa regra: procuramos o lugar para inserí-lo, nos movendo na direção apropriada



- Árvores de busca binária (binary search trees), ou apenas árvores, apresentam uma forma hierárquica de armazenar os dados, respeitando algumas invariantes
- A raíz de uma árvore é representada por um nó, onde cada nó salva um valor, e potencialmente aponta para dois outros nós (à sua esquerda e à sua direita)
 - Caso o nó à esquerda exista, sua chave será menor que a chave do nó pai
 - Respectivamente, caso o nó à direita exista, sua chave será maior que a chave do nó pai
 - Idealmente, podemos fazer na árvore um procedimento similar ao da busca binária: se a chave que desejamos encontrar for menor que a chave de um nó, continuamos buscando apenas na sua esquerda (e, se for maior, na sua direita)
 - Ao inserir um item novo, respeitamos essa regra: procuramos o lugar para inserí-lo, nos movendo na direção apropriada



- Árvores de busca binária (binary search trees), ou apenas árvores, apresentam uma forma hierárquica de armazenar os dados, respeitando algumas invariantes
- A raíz de uma árvore é representada por um nó, onde cada nó salva um valor, e potencialmente aponta para dois outros nós (à sua esquerda e à sua direita)
 - Caso o nó à esquerda exista, sua chave será menor que a chave do nó pai
 - Respectivamente, caso o nó à direita exista, sua chave será maior que a chave do nó pai
 - Idealmente, podemos fazer na árvore um procedimento similar ao da busca binária: se a chave que desejamos encontrar for menor que a chave de um nó, continuamos buscando apenas na sua esquerda (e, se for maior, na sua direita)
 - Ao inserir um item novo, respeitamos essa regra: procuramos o lugar para inserí-lo, nos movendo na direção apropriada



- Árvores de busca binária (binary search trees), ou apenas árvores, apresentam uma forma hierárquica de armazenar os dados, respeitando algumas invariantes
- A raíz de uma árvore é representada por um nó, onde cada nó salva um valor, e potencialmente aponta para dois outros nós (à sua esquerda e à sua direita)
 - Caso o nó à esquerda exista, sua chave será menor que a chave do nó pai
 - Respectivamente, caso o nó à direita exista, sua chave será maior que a chave do nó pai
 - Idealmente, podemos fazer na árvore um procedimento similar ao da busca binária: se a chave que desejamos encontrar for menor que a chave de um nó, continuamos buscando apenas na sua esquerda (e, se for maior, na sua direita)
 - Ao inserir um item novo, respeitamos essa regra: procuramos o lugar para inserí-lo, nos movendo na direção apropriada



- Árvores de busca binária (binary search trees), ou apenas árvores, apresentam uma forma hierárquica de armazenar os dados, respeitando algumas invariantes
- A raíz de uma árvore é representada por um nó, onde cada nó salva um valor, e potencialmente aponta para dois outros nós (à sua esquerda e à sua direita)
 - Caso o nó à esquerda exista, sua chave será menor que a chave do nó pai
 - Respectivamente, caso o nó à direita exista, sua chave será maior que a chave do nó pai
 - Idealmente, podemos fazer na árvore um procedimento similar ao da busca binária: se a chave que desejamos encontrar for menor que a chave de um nó, continuamos buscando apenas na sua esquerda (e, se for maior, na sua direita)
 - Ao inserir um item novo, respeitamos essa regra: procuramos o lugar para inserí-lo, nos movendo na direção apropriada



- Árvores de busca binária (binary search trees), ou apenas árvores, apresentam uma forma hierárquica de armazenar os dados, respeitando algumas invariantes
- A raíz de uma árvore é representada por um nó, onde cada nó salva um valor, e potencialmente aponta para dois outros nós (à sua esquerda e à sua direita)
 - Caso o nó à esquerda exista, sua chave será menor que a chave do nó pai
 - Respectivamente, caso o nó à direita exista, sua chave será maior que a chave do nó pai
 - Idealmente, podemos fazer na árvore um procedimento similar ao da busca binária: se a chave que desejamos encontrar for menor que a chave de um nó, continuamos buscando apenas na sua esquerda (e, se for maior, na sua direita)
 - Ao inserir um item novo, respeitamos essa regra: procuramos o lugar para inserí-lo, nos movendo na direção apropriada



- Dizemos que a **altura de uma árvore** é a altura da sua raíz (que é um nó), sendo zero se a árvore estiver vazia
- Dizemos que a altura de um nó, se ele existir, é de 1 mais o tamanho do seu maior nó filho, considerando altura zero para o nós filhos que não existem
- Uma árvore é considerada balanceada se a diferença entre a altura dos filhos (à esquerda e à direita) de todos os nós, também chamada de fator, for no máximo 1
 - Por exemplo, ao visualizarmos um monte como uma árvore, notamos que ele sempre está balanceado
 - Uma árvore é dita completa (ou cheia) se os filhos de todos os nós tem a mesma altura entre si (fator zero)
- Pelos mesmos motivos da busca binária, operações em árvores passam a ser logarítmicas, O(log n), caso a árvore esteja balanceada, pois sabemos que metade dos dados está para cada um dos lados!, mas linear caso ela não esteja



- Dizemos que a altura de uma árvore é a altura da sua raíz (que é um nó), sendo zero se a árvore estiver vazia
- Dizemos que a altura de um nó, se ele existir, é de 1 mais o tamanho do seu maior nó filho, considerando altura zero para o nós filhos que não existem
- Uma árvore é considerada balanceada se a diferença entre a altura dos filhos (à esquerda e à direita) de todos os nós, também chamada de fator, for no máximo 1
 - Por exemplo, ao visualizarmos um monte como uma árvore, notamos que ele sempre está balanceado
 - Uma árvore é dita completa (ou cheia) se os filhos de todos os nós tem a mesma altura entre si (fator zero)
- Pelos mesmos motivos da busca binária, operações em árvores passam a ser logarítmicas, O(log n), caso a árvore esteja balanceada, pois sabemos que metade dos dados está para cada um dos lados!, mas linear caso ela não esteja



2020/1 Estrutura de Dados

- Dizemos que a altura de uma árvore é a altura da sua raíz (que é um nó), sendo zero se a árvore estiver vazia
- Dizemos que a altura de um nó, se ele existir, é de 1 mais o tamanho do seu maior nó filho, considerando altura zero para o nós filhos que não existem
- Uma árvore é considerada balanceada se a diferença entre a altura dos filhos (à esquerda e à direita) de todos os nós, também chamada de fator, for no máximo 1
 - Por exemplo, ao visualizarmos um monte como uma árvore, notamos que ele sempre está balanceado
 - Uma árvore é dita completa (ou cheia) se os filhos de todos os nós tem a mesma altura entre si (fator zero)
- Pelos mesmos motivos da busca binária, operações em árvores passam a ser logarítmicas, O(log n), caso a árvore esteja balanceada, pois sabemos que metade dos dados está para cada um dos lados!, mas linear caso ela não esteja



2020/1 Estrutura de Dados

- Dizemos que a altura de uma árvore é a altura da sua raíz (que é um nó), sendo zero se a árvore estiver vazia
- Dizemos que a altura de um nó, se ele existir, é de 1 mais o tamanho do seu maior nó filho, considerando altura zero para o nós filhos que não existem
- Uma árvore é considerada balanceada se a diferença entre a altura dos filhos (à esquerda e à direita) de todos os nós, também chamada de fator, for no máximo 1
 - Por exemplo, ao visualizarmos um monte como uma árvore, notamos que ele sempre está balanceado
 - Uma árvore é dita completa (ou cheia) se os filhos de todos os nós tem a mesma altura entre si (fator zero)
- Pelos mesmos motivos da busca binária, operações em árvores passam a ser logarítmicas, O(log n), caso a árvore esteja balanceada, pois sabemos que metade dos dados está para cada um dos lados!, mas linear caso ela não esteja



2020/1 Estrutura de Dados

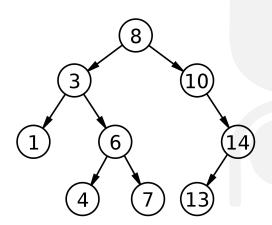
- Dizemos que a altura de uma árvore é a altura da sua raíz (que é um nó), sendo zero se a árvore estiver vazia
- Dizemos que a altura de um nó, se ele existir, é de 1 mais o tamanho do seu maior nó filho, considerando altura zero para o nós filhos que não existem
- Uma árvore é considerada balanceada se a diferença entre a altura dos filhos (à esquerda e à direita) de todos os nós, também chamada de fator, for no máximo 1
 - Por exemplo, ao visualizarmos um monte como uma árvore, notamos que ele sempre está balanceado
 - Uma árvore é dita completa (ou cheia) se os filhos de todos os nós tem a mesma altura entre si (fator zero)
- Pelos mesmos motivos da busca binária, operações em árvores passam a ser logarítmicas, O(log n), caso a árvore esteja balanceada, pois sabemos que metade dos dados está para cada um dos lados!, mas linear caso ela não esteja



- Dizemos que a altura de uma árvore é a altura da sua raíz (que é um nó), sendo zero se a árvore estiver vazia
- Dizemos que a altura de um nó, se ele existir, é de 1 mais o tamanho do seu maior nó filho, considerando altura zero para o nós filhos que não existem
- Uma árvore é considerada balanceada se a diferença entre a altura dos filhos (à esquerda e à direita) de todos os nós, também chamada de fator, for no máximo 1
 - Por exemplo, ao visualizarmos um monte como uma árvore, notamos que ele sempre está balanceado
 - Uma árvore é dita completa (ou cheia) se os filhos de todos os nós tem a mesma altura entre si (fator zero)
- Pelos mesmos motivos da busca binária, operações em árvores passam a ser logarítmicas, O(log n), caso a árvore esteja balanceada, pois sabemos que metade dos dados está para cada um dos lados!, mas linear caso ela não esteja

<u>Á</u>rvores

Um exemplo de árvore, usando números como chaves (e omitindo valores). Note que a árvore não se encontra balanceada: a esquerda do nó de chave 10 tem altura 0, porém sua direita tem altura 2





2020/1 Estrutura de Dados

Árvores balanceadas

- Árvores, se implementadas de forma ingênua, deixam de ser balanceadas facilmente
 - Imagine, por exemplo, que você está inserindo 100 elementos ordenados: eles sempre serão colocados à direita (visto que o primeiro elemento a ser inserido era o menor), obtendo performance similar a de uma lista associativa no pior caso
 - É possível balancear uma árvore manualmente, porém isso é feito em tempo linear
- Existem formas de se implementar uma árvore que, ao se inserir um elemento (que ainda não exista), ou ao se remover um elemento, a árvore seja automaticamente balanceada
 - Podemos citar aqui, por exemplo, árvores AVL e árvores rubro-negras (red-black) como versões existentes
 - Considerando árvores como tipos abstratos, o algoritmo de balanceamento automático se torna um detalhe de implementação que não importa ao usuário do código
 - Em tais árvores, inserção e remoção (e busca) podem ser feitas em tempo logarítmico, pois corrigir o balanceamento de uma árvore pode ser executado em O(log n)



Árvores balanceadas

- Árvores, se implementadas de forma ingênua, deixam de ser balanceadas facilmente
 - Imagine, por exemplo, que você está inserindo 100 elementos ordenados: eles sempre serão colocados à direita (visto que o primeiro elemento a ser inserido era o menor), obtendo performance similar a de uma lista associativa no pior caso
 - É possível balancear uma árvore manualmente, porém isso é feito em tempo linear
- Existem formas de se implementar uma árvore que, ao se inserir um elemento (que ainda não exista), ou ao se remover um elemento, a árvore seja automaticamente balanceada
 - Podemos citar aqui, por exemplo, árvores AVL e árvores rubro-negras (red-black) como versões existentes
 - Considerando árvores como tipos abstratos, o algoritmo de balanceamento automático se torna um detalhe de implementação que não importa ao usuário do código
 - Em tais árvores, inserção e remoção (e busca) podem ser feitas em tempo logarítmico, pois corrigir o balanceamento de uma árvore pode ser executado em O(log n)



Árvores balanceadas

- Árvores, se implementadas de forma ingênua, deixam de ser balanceadas facilmente
 - Imagine, por exemplo, que você está inserindo 100 elementos ordenados: eles sempre serão colocados à direita (visto que o primeiro elemento a ser inserido era o menor), obtendo performance similar a de uma lista associativa no pior caso
 - É possível balancear uma árvore manualmente, porém isso é feito em tempo linear
- Existem formas de se implementar uma árvore que, ao se inserir um elemento (que ainda não exista), ou ao se remover um elemento, a árvore seja automaticamente balanceada
 - Podemos citar aqui, por exemplo, árvores AVL e árvores rubro-negras (red-black) como versões existentes
 - Considerando árvores como tipos abstratos, o algoritmo de balanceamento automático se torna um detalhe de implementação que não importa ao usuário do código
 - Em tais árvores, inserção e remoção (e busca) podem ser feitas em tempo logarítmico, pois corrigir o balanceamento de uma árvore pode ser executado em O(log n)



- Árvores, se implementadas de forma ingênua, deixam de ser balanceadas facilmente
 - Imagine, por exemplo, que você está inserindo 100 elementos ordenados: eles sempre serão colocados à direita (visto que o primeiro elemento a ser inserido era o menor), obtendo performance similar a de uma lista associativa no pior caso
 - É possível balancear uma árvore manualmente, porém isso é feito em tempo linear
- Existem formas de se implementar uma árvore que, ao se inserir um elemento (que ainda não exista), ou ao se remover um elemento, a árvore seja automaticamente balanceada
 - Podemos citar aqui, por exemplo, árvores AVL e árvores rubro-negras (red-black) como versões existentes
 - Considerando árvores como tipos abstratos, o algoritmo de balanceamento automático se torna um detalhe de implementação que não importa ao usuário do código
 - Em tais árvores, inserção e remoção (e busca) podem ser feitas em tempo logarítmico, pois corrigir o balanceamento de uma árvore pode ser executado em O(log n)



2020/1 Estrutura de Dados 29 / 33

- Árvores, se implementadas de forma ingênua, deixam de ser balanceadas facilmente
 - Imagine, por exemplo, que você está inserindo 100 elementos ordenados: eles sempre serão colocados à direita (visto que o primeiro elemento a ser inserido era o menor), obtendo performance similar a de uma lista associativa no pior caso
 - É possível balancear uma árvore manualmente, porém isso é feito em tempo linear
- Existem formas de se implementar uma árvore que, ao se inserir um elemento (que ainda não exista), ou ao se remover um elemento, a árvore seja automaticamente balanceada
 - Podemos citar aqui, por exemplo, árvores AVL e árvores rubro-negras (red-black) como versões existentes
 - Considerando árvores como tipos abstratos, o algoritmo de balanceamento automático se torna um detalhe de implementação que não importa ao usuário do código
 - Em tais árvores, inserção e remoção (e busça) podem ser feitas em tempo logarítmico, pois corrigir o balanceamento de uma árvore pode ser executado em O(log n)



2020/1 Estrutura de Dados 29 / 33

- Árvores, se implementadas de forma ingênua, deixam de ser balanceadas facilmente
 - Imagine, por exemplo, que você está inserindo 100 elementos ordenados: eles sempre serão colocados à direita (visto que o primeiro elemento a ser inserido era o menor), obtendo performance similar a de uma lista associativa no pior caso
 - É possível balancear uma árvore manualmente, porém isso é feito em tempo linear
- Existem formas de se implementar uma árvore que, ao se inserir um elemento (que ainda não exista), ou ao se remover um elemento, a árvore seja automaticamente balanceada
 - Podemos citar aqui, por exemplo, árvores AVL e árvores rubro-negras (red-black) como versões existentes
 - Considerando árvores como tipos abstratos, o algoritmo de balanceamento automático se torna um detalhe de implementação que não importa ao usuário do código
 - Em tais árvores, inserção e remoção (e busca) podem ser feitas em tempo logarítmico, pois corrigir o balanceamento de uma árvore pode ser executado em O(log n)



- Árvores, se implementadas de forma ingênua, deixam de ser balanceadas facilmente
 - Imagine, por exemplo, que você está inserindo 100 elementos ordenados: eles sempre serão colocados à direita (visto que o primeiro elemento a ser inserido era o menor), obtendo performance similar a de uma lista associativa no pior caso
 - É possível balancear uma árvore manualmente, porém isso é feito em tempo linear
- Existem formas de se implementar uma árvore que, ao se inserir um elemento (que ainda não exista), ou ao se remover um elemento, a árvore seja automaticamente balanceada
 - Podemos citar aqui, por exemplo, árvores AVL e árvores rubro-negras (red-black) como versões existentes
 - Considerando árvores como tipos abstratos, o algoritmo de balanceamento automático se torna um detalhe de implementação que não importa ao usuário do código
 - Em tais árvores, inserção e remoção (e busca) podem ser feitas em tempo logarítmico, pois corrigir o balanceamento de uma árvore pode ser executado em O(log n)



- Tabelas hash (do inglês, hashtable ou hashmap) são uma estrutura associativa, que, similar às árvores, armazenam valores associados a uma chave
- Como nas árvores, chaves podem ser qualquer valor que possa ser ordenado, incluindo números inteiros e strings
- Tabelas hash utilizam uma técnica chamada de hashing (dispersão, espalhamento, etc) para decidir onde armazenar seu conteúdo
 - A tabela possui uma função de hash, que gera um valor numérico para cada possível chave
 - A tabela, então, possui uma coleção de baldes (buckets), geralmente salvos como um vetor, representando sua memória
 - O índice de um elemento na memória é hash (key) % len, isto é, aproximamos o hash da chave para a quantidade de baldes disponíveis (ainda tendo um valor determinístico)
 - Por conta disso, o tempo de acesso médio de um item em uma tabela hash é constante.



- Tabelas hash (do inglês, hashtable ou hashmap) são uma estrutura associativa, que, similar às árvores, armazenam valores associados a uma chave
- Como nas árvores, chaves podem ser qualquer valor que possa ser ordenado, incluindo números inteiros e strings
- Tabelas hash utilizam uma técnica chamada de hashing (dispersão, espalhamento, etc) para decidir onde armazenar seu conteúdo
 - A tabela possui uma função de hash, que gera um valor numérico para cada possível chave
 - A tabela, então, possui uma coleção de baldes (buckets), geralmente salvos como um vetor, representando sua memóri
 - O índice de um elemento na memória é hash(key) % len, isto é, aproximamos o hash da chave para a quantidade de baldes disponíveis (ainda tendo um valor determinístico)
 - Por conta disso, o tempo de acesso médio de um item em uma tabela hash é constante



- Tabelas hash (do inglês, hashtable ou hashmap) são uma estrutura associativa, que, similar às árvores, armazenam valores associados a uma chave
- Como nas árvores, chaves podem ser qualquer valor que possa ser ordenado, incluindo números inteiros e strings
- Tabelas hash utilizam uma técnica chamada de hashing (dispersão, espalhamento, etc) para decidir onde armazenar seu conteúdo
 - A tabela possui uma função de hash, que gera um valor numérico para cada possível chave
 - A tabela, então, possui uma coleção de baldes (buckets), geralmente salvos como um vetor, representando sua memória
 - O índice de um elemento na memória é hash (key) % len, isto é, aproximamos o hash da chave para a quantidade de baldes disponíveis (ainda tendo um valor determinístico)
 - Por conta disso, o tempo de acesso médio de um item em uma tabela hash é constante



- Tabelas hash (do inglês, hashtable ou hashmap) são uma estrutura associativa, que, similar às árvores, armazenam valores associados a uma chave
- Como nas árvores, chaves podem ser qualquer valor que possa ser ordenado, incluindo números inteiros e strings
- Tabelas hash utilizam uma técnica chamada de hashing (dispersão, espalhamento, etc) para decidir onde armazenar seu conteúdo
 - A tabela possui uma função de hash, que gera um valor numérico para cada possível chave
 - A tabela, então, possui uma coleção de baldes (buckets), geralmente salvos como um vetor, representando sua memó
 - O índice de um elemento na memória é hash (key) % len, isto é, aproximamos o hash da chave para a quantidade de baldes disponíveis (ainda tendo um valor determinístico)
 - Por conta disso, o tempo de acesso médio de um item em uma tabela hash é constante



- Tabelas hash (do inglês, hashtable ou hashmap) são uma estrutura associativa, que, similar às árvores, armazenam valores associados a uma chave
- Como nas árvores, chaves podem ser qualquer valor que possa ser ordenado, incluindo números inteiros e strings
- Tabelas hash utilizam uma técnica chamada de hashing (dispersão, espalhamento, etc) para decidir onde armazenar seu conteúdo
 - A tabela possui uma função de hash, que gera um valor numérico para cada possível chave
 - A tabela, então, possui uma coleção de baldes (buckets), geralmente salvos como um vetor, representando sua memória
 - O índice de um elemento na memória é hash(key) % len, isto é, aproximamos o hash da chave para a quantidade de baldes disponíveis (ainda tendo um valor determinístico)
 - Por conta disso, o tempo de acesso médio de um item em uma tabela hash é constante



- Tabelas hash (do inglês, hashtable ou hashmap) são uma estrutura associativa, que, similar às árvores, armazenam valores associados a uma chave
- Como nas árvores, chaves podem ser qualquer valor que possa ser ordenado, incluindo números inteiros e strings
- Tabelas hash utilizam uma técnica chamada de hashing (dispersão, espalhamento, etc) para decidir onde armazenar seu conteúdo
 - A tabela possui uma função de hash, que gera um valor numérico para cada possível chave
 - A tabela, então, possui uma coleção de baldes (buckets), geralmente salvos como um vetor, representando sua memória
 - O índice de um elemento na memória é hash(key) % len, isto é, aproximamos o hash da chave para a quantidade de baldes disponíveis (ainda tendo um valor determinístico)
 - Por conta disso, o tempo de acesso médio de um item em uma tabela hash é constante



- Tabelas hash (do inglês, hashtable ou hashmap) são uma estrutura associativa, que, similar às árvores, armazenam valores associados a uma chave
- Como nas árvores, chaves podem ser qualquer valor que possa ser ordenado, incluindo números inteiros e *strings*
- Tabelas hash utilizam uma técnica chamada de hashing (dispersão, espalhamento, etc) para decidir onde armazenar seu conteúdo
 - A tabela possui uma função de hash, que gera um valor numérico para cada possível chave
 - A tabela, então, possui uma coleção de baldes (buckets), geralmente salvos como um vetor, representando sua memória
 - O índice de um elemento na memória é hash(key) % len, isto é, aproximamos o hash da chave para a quantidade de baldes disponíveis (ainda tendo um valor determinístico)
 - Por conta disso, o tempo de acesso médio de um item em uma tabela hash é constante



2020/1 Estrutura de Dados

Exemplo, elf hash:

```
unsigned long elf hash(const char *s) {
  unsigned long h = 0;
  for(int i = 0; i < strlen(s); i++) {
    h = (h << 4) + s[i];
    unsigned long x = h \& 0xF0000000;
    if(x != 0) {
      h = x >> 24:
      h &= ^{\sim}x:
  return h;
```



2020/1 Estrutura de Dados

- Baldes são, similar aos elos de uma lista linkada, sub-estruturas necessárias para o armazenamento
- Como há um tamanho limitado para índices dentro da tabela, há a possibilidade de colisões
 - Funções de *hash* diferentes possuem propriedades diferentes quanto à frequência de colisões
- É possível salvarmos um balde, por exemplo, como uma lista associativa, isto é, uma lista de pares e valores
 - Neste caso, após encontrarmos um índice para uma chave, procuramos todos os itens salvos naquele balde pela chave
 - Caso o balde **esteja vazio ou contenha apenas um item**, a busca ocorre, como desejado, **em tempo constante**
 - Mas cuidado: a técnica conhecida como HashDoS tenta produzir muitas chaves com o mesmo hash, fazendo com que a busca seja linear no número de colisões!
- Idealmente, baldes devem ser implementados como árvores de busca binária, tornando o melhor tempo constante, e o pior tempo logarítmico em relação ao número de colisões



2020/1 Estrutura de Dados 32 / 33

- Baldes são, similar aos elos de uma lista linkada, sub-estruturas necessárias para o armazenamento
- Como há um tamanho limitado para índices dentro da tabela, há a possibilidade de **colisões**
 - Funções de *hash* diferentes possuem propriedades diferentes quanto à frequência de colisões
- É possível salvarmos um balde, por exemplo, como uma lista associativa, isto é, uma lista de pares e valores
 - Neste caso, após encontrarmos um índice para uma chave, procuramos todos os itens salvos naquele balde pela chave
 - Caso o balde esteja vazio ou contenha apenas um item, a busca ocorre, como desejado, em tempo constante
 - Mas cuidado: a técnica conhecida como HashDoS tenta produzir muitas chaves com o mesmo hash, fazendo com que a busca seja linear no número de colisões!
- Idealmente, baldes devem ser implementados como árvores de busca binária, tornando o melhor tempo constante, e o pior tempo logarítmico em relação ao número de colisões



2020/1 Estrutura de Dados 32 / 33

- Baldes são, similar aos elos de uma lista linkada, sub-estruturas necessárias para o armazenamento
- Como há um tamanho limitado para índices dentro da tabela, há a possibilidade de **colisões**
 - Funções de *hash* diferentes possuem propriedades diferentes quanto à frequência de colisões
- É possível salvarmos um balde, por exemplo, como uma lista associativa, isto é, uma lista de pares e valores
 - Neste caso, após encontrarmos um índice para uma chave, procuramos todos os itens salvos naquele balde pela chave
 - Caso o balde esteja vazio ou contenha apenas um item, a busca ocorre, como desejado, em tempo constante
 - Mas cuidado: a técnica conhecida como HashDoS tenta produzir muitas chaves com o mesmo hash, fazendo com que a busca seja linear no número de colisões!

32 / 33

 Idealmente, baldes devem ser implementados como árvores de busca binária, tornando o melhor tempo constante, e o pior tempo logarítmico em relação ao número de colisões

- Baldes são, similar aos elos de uma lista linkada, sub-estruturas necessárias para o armazenamento
- Como há um tamanho limitado para índices dentro da tabela, há a possibilidade de **colisões**
 - Funções de *hash* diferentes possuem propriedades diferentes quanto à frequência de colisões
- É possível salvarmos um balde, por exemplo, como uma lista associativa, isto é, uma lista de pares e valores
 - Neste caso, após encontrarmos um índice para uma chave, procuramos todos os itens salvos naquele balde pela chave
 - Caso o balde esteja vazio ou contenha apenas um item, a busca ocorre, como desejado, em tempo constante
 - Mas cuidado: a técnica conhecida como HashDoS tenta produzir muitas chaves com o mesmo hash, fazendo com que a busca seja linear no número de colisões!

32 / 33

 Idealmente, baldes devem ser implementados como árvores de busca binária, tornando o melhor tempo constante, e o pior tempo logarítmico em relação ao número de colisões

- Baldes são, similar aos elos de uma lista linkada, sub-estruturas necessárias para o armazenamento
- Como há um tamanho limitado para índices dentro da tabela, há a possibilidade de **colisões**
 - Funções de *hash* diferentes possuem propriedades diferentes quanto à frequência de colisões
- É possível salvarmos um balde, por exemplo, como uma lista associativa, isto é, uma lista de pares e valores
 - Neste caso, após encontrarmos um índice para uma chave, procuramos todos os itens salvos naquele balde pela chave
 - Caso o balde esteja vazio ou contenha apenas um item, a busca ocorre, como desejado, em tempo constante
 - Mas cuidado: a técnica conhecida como HashDoS tenta produzir muitas chaves com o mesmo hash, fazendo com que a busca seja linear no número de colisões!
- Idealmente, baldes devem ser implementados como árvores de busca binária, tornando o melhor tempo constante, e o pior tempo logarítmico em relação ao número de colisões



2020/1 Estrutura de Dados 32 / 33

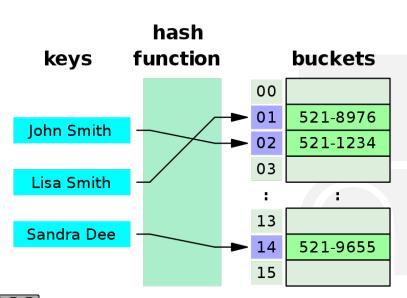
- Baldes são, similar aos elos de uma lista linkada, sub-estruturas necessárias para o armazenamento
- Como há um tamanho limitado para índices dentro da tabela, há a possibilidade de **colisões**
 - Funções de *hash* diferentes possuem propriedades diferentes quanto à frequência de colisões
- É possível salvarmos um balde, por exemplo, como uma lista associativa, isto é, uma lista de pares e valores
 - Neste caso, após encontrarmos um índice para uma chave, procuramos todos os itens salvos naquele balde pela chave
 - Caso o balde esteja vazio ou contenha apenas um item, a busca ocorre, como desejado, em tempo constante
 - Mas cuidado: a técnica conhecida como HashDoS tenta produzir muitas chaves com o mesmo hash, fazendo com que a busca seja linear no número de colisões!
- Idealmente, baldes devem ser implementados como árvores de busca binária, tornando o melhor tempo constante, e o pior tempo logarítmico em relação ao número de colisões

2020/1 Estrutura de Dados 32 / 33

- Baldes são, similar aos elos de uma lista linkada, sub-estruturas necessárias para o armazenamento
- Como há um tamanho limitado para índices dentro da tabela, há a possibilidade de **colisões**
 - Funções de *hash* diferentes possuem propriedades diferentes quanto à frequência de colisões
- É possível salvarmos um balde, por exemplo, como uma lista associativa, isto é, uma lista de pares e valores
 - Neste caso, após encontrarmos um índice para uma chave, procuramos todos os itens salvos naquele balde pela chave
 - Caso o balde esteja vazio ou contenha apenas um item, a busca ocorre, como desejado, em tempo constante
 - Mas cuidado: a técnica conhecida como HashDoS tenta produzir muitas chaves com o mesmo hash, fazendo com que a busca seja linear no número de colisões!
- Idealmente, baldes devem ser implementados como árvores de busca binária, tornando o melhor tempo constante, e o pior tempo logarítmico em relação ao número de colisões

- Baldes são, similar aos elos de uma lista linkada, sub-estruturas necessárias para o armazenamento
- Como há um tamanho limitado para índices dentro da tabela, há a possibilidade de **colisões**
 - Funções de *hash* diferentes possuem propriedades diferentes quanto à frequência de colisões
- É possível salvarmos um balde, por exemplo, como uma lista associativa, isto é, uma lista de pares e valores
 - Neste caso, após encontrarmos um índice para uma chave, procuramos todos os itens salvos naquele balde pela chave
 - Caso o balde **esteja vazio ou contenha apenas um item**, a busca ocorre, como desejado, **em tempo constante**
 - Mas cuidado: a técnica conhecida como HashDoS tenta produzir muitas chaves com o mesmo hash, fazendo com que a busca seja linear no número de colisões!
- Idealmente, baldes devem ser implementados como árvores de busca binária, tornando o melhor tempo constante, e o pior tempo logarítmico em relação ao número de colisões

2020/1 Estrutura de Dados





2020/1 Estrutura de Dados